

FORMAS DO  
ESQUECIMENTO:  
ESCRITURA DO  
ALZHEIMER NA  
LITERATURA  
LATINO-AMERICANA  
CONTEMPORÂNEA

**RENATA CRISTINA  
PEREIRA RAULINO**

Bacharela e Licenciada em Letras com dupla habilitação em Espanhol-Português (2013) pela Universidade de São Paulo. Mestre em Letras (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana). Doutoranda em Letras (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana)

Este projeto de pesquisa é um desdobramento e um contraponto do estudo que desenvolvi na dissertação de mestrado *Amizade e memória múltipla: Glosa, de Juan José Saer*, da qual surgiram fecundas análises e reflexões literárias, filosóficas e político-históricas sobre as relações entre amizade e memória.

A presente proposta de pesquisa visa continuar a refletir sobre a escritura literária da ligação entre relacionamentos amorosos e o compartilhamento de memórias. Entretanto, estenderei a minha reflexão crítico-analítica para um *corpus* mais amplo de textos nos quais pretendo analisar diversos modos de figurações de vínculos familiares e de amizade.

Os escritores desses textos escrevem sobre relações com seres amados acometidos pelo Alzheimer, doença neurodegenerativa que pode levar um ser humano a perder contínua e irreversivelmente a memória recente e remota, a linguagem, o senso de tempo, a direção, a auto-percepção e o controle sobre processos metabólicos básicos. Os vínculos amorosos estão sob ameaça porque o compartilhamento de lembranças está ou estará corroído pelo esquecimento causado por essa enfermidade, uma vez que os que escrevem percebem as perdas contínuas e irreversíveis da memória e da linguagem como desestabilizadoras e transformadoras dos seus relacionamentos com esses enfermos.

A seguir, um breve resumo do conteúdo dos textos que compõem o *corpus*:

- Em *Desarticulaciones* (2010), a narradora visita quase diariamente M. L., com a qual tem uma profunda e longa relação de amizade e é ela quem está com a doença de Alzheimer. A partir desses encontros e dos fragmentos de desmemória de M. L. que testemunha, a voz narrativa constrói um relato sobre a desarticulação da amiga que vai apagando as lembranças remotas e mais recentes que compartilham.
- Em *El eco de mi madre* (2010), livro de poemas, uma filha escreve para a mãe com essa enfermidade, na qual o eco é, ao mesmo tempo, a perda da memória e a sua fala desarticulada e repetitiva.
- Em *En la laguna más profunda* (2011), Alexandra relembra parte de sua infância, quando a sua avó se tornou enferma. A narradora centra-se principalmente no seu progressivo silenciamento devido à confusão e à perda dos sentidos e memórias das palavras.
- Em *Diário da queda* (2011), um filho reflete sobre a história de três gerações de uma família judia – a dele, a de seu pai e a de seu avô – em uma narrativa de lembranças fragmentárias e repetitivas, disparada quando descobre que o pai está com a doença de Alzheimer.
- Em *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura* (2007), uma filha conta o que vive ao compartilhar o cotidiano com sua mãe doente. Os esquecimentos recorrentes que ela sofre com esse adoecimento transformam os dias relatados em escuros, assombrados e assustadores porque a enfermidade torna o comportamento da personagem instável,

imprevisível, louco, chegando ao ponto da narradora não reconhecê-la mais como mãe e da última não reconhecê-la completamente como filha.

- No poema “H” (2009), um filho experimenta a transformação da percepção do seu cotidiano e da sua relação com a mãe, quando descobre que ela está com a doença de Alzheimer.

Em vista disso, selecionei um *corpus* preliminar de textos literários latino-americanos e contemporâneos em que os motivadores e centros de suas escrituras são os sintomas de uma enfermidade que afeta os seres amados. Portanto, analisarei como os escritores de tais textos escrevem os relacionamentos com personagens doentes e a história do adoecimento delas como parte de suas próprias narrativas de vida. Centraremos não somente no seu conteúdo, mas verificaremos especialmente como as próprias perdas contínuas da memória e da linguagem se materializam nas palavras e nas formas que compõem os referidos textos. Tal materialização parece ser uma maneira de lidar, de tentar entender o outro e, ao mesmo tempo, de compartilhar com o amado adoentado, experimentando a enfermidade ao deixar-se contaminar pelas perdas, pelas incertezas, pelas confusões, pelos assombros e até mesmo pelo humor negro que o Alzheimer pode gerar nos doentes e com quem eles convivem.

O uso de doenças como material literário não é especificidade da literatura contemporânea, como já evidenciou Susan Sontag (2007) ao valer-se de diversos exemplos retirados de textos literários e da vida de escritores ao longo do tempo em *Doença como metáfora / AIDS e suas metáforas*. Entretanto, na introdução à antologia de narrativas breves *Excesos del cuerpo. Ficciones de contagio y enfermedad en América Latina*, Javier Guerrero e Nathalie Bouzaglo (2009) afirmam que a literatura produzida no século XXI constitui o corpo enfermo como um lugar de experiência subjetiva que questiona a construção unívoca do sujeito porque o adoecimento é entendido como uma presença da alteridade, pois nela radica o potencial de uma subjetividade se transformar em um ser-corpo alheio, diferente de si mesmo e irreconhecível para a sociedade.

Por sua vez, em “Narrating the limits of narration: Alzheimer’s disease in contemporary literary texts”, Irmela Krüger-Fürhoff (2015) salienta que enfermidades que comprometem memórias pessoais e que alteram traços de caráter e comportamento emocional explicitam sobretudo a representação da transformação de uma pessoa doente em uma versão diferente e perturbadora de seu “eu” anterior. No *corpus* que selecionei, os personagens adoecidos têm grandes possibilidades de esquecerem-se do que eram e das pessoas próximas em um passado remoto e/ou recente. No entanto, segundo a antropóloga Daniela Feriani (2017) em sua tese de doutorado *Entre sopros e assombros: estética e experiência na doença de Alzheimer*, tal metamorfose não é estável na visão da família do adoentado porque há nessa percepção uma oscilação

entre a pessoa que o enfermo era antes e depois de ser acometido pela doença. No caso dos textos selecionados, os escritores muitas vezes percebem uma oscilação nas atitudes dos personagens com doença de Alzheimer, que ora estão de acordo com a sua personalidade “de sempre” e ora é a enfermidade que age através deles, principalmente devido ao comprometimento de suas lembranças e da linguagem, desarticulando e modificando a sua personalidade de uma maneira pendular, muitas vezes figurando o doente em diferentes versões do mesmo sujeito.

Feriani (2017) também observa que um discurso muito comum desenvolvido ao redor da “epidemia do Alzheimer” é caracterizado pela linguagem do déficit e da ruína individual que se cristaliza ao redor da figura do doente que falha em reconhecer o seu cuidador. Nessa instância, a “tragédia” da demência é popularmente concebida quando convenções sociais de reciprocidade afetiva são fundamentalmente violadas. No entanto, tal possibilidade, que poderia suscitar um isolamento do enfermo e uma desconexão com quem e com o que está a sua volta, não parece ocorrer no *corpus* selecionado, apesar dessa ameaça existir. *Os que se esquecem não são esquecidos*.

Uma das razões dessa não total desconexão com o mundo talvez se dê porque a escrita em si é uma forma na qual os que escrevem buscam conectar-se com os amados adoentados. Como disse, eles são os destinatários, diretos ou indiretos, e motores da escrita.

A relação que essas escritas possibilitam e figuram não parece ser a da dependência de um sobre o outro, mas a da co-dependência que qualquer relacionamento pressupõe. Talvez o adoecimento tenha tornado esse fator mais explícito. Os escritores descrevem os efeitos de uma enfermidade em outro sujeito e, principalmente, os impactos da transformação dessa relação com o advento da doença de Alzheimer na vida dos indivíduos envolvidos. No entanto, em muitos textos, os parentes e amigos se recusam e até resistem à posição de cuidadores. Por exemplo, a narradora-personagem de *En la laguna más profunda*, uma adolescente que relembra sua convivência com a avó quando criança, chega até a demorar a reconhecer a parente amada como doente. O que talvez ocorra é a figuração de uma ideia de comunidade semelhante à que o filósofo Roberto Esposito (2012) propõe em *Communitas*, livro no qual sustenta que o que une as pessoas não é um princípio de identificação, mas uma falta, uma dívida, um *munus*, que é tanto doação como dever.

Tal ideia de comunidade dialoga com as ideias de amizade que analisei no romance *Glosa*, de Juan José Saer na dissertação de mestrado a que já me referi. Partindo de teorias de filósofos como Blanchot (1976) e Agamben (2009) sobre esse vínculo, concluí que a amizade não pressupõe um encontro entre iguais, mas encontros e desencontros entre seres potenciais, isto é, que transformam a si mesmos e aos outros com quem estão em relação.

No que diz respeito aos textos que selecionei para esta pesquisa, as transformações pelas quais passam as mães em *El eco de mi madre*, *O Lugar escuro* e “H”; do pai em *Diário da queda*; da avó em *En la laguna más profunda* e da amiga em *Desarticulaciones* em seres diferentes dos que os escritores conheciam instauram relações incontornáveis com pessoas em transformação para que o vínculo continue ou se restabeleça de uma maneira diversa.

Além do mais, os próprios escritores parecem mudar diante do advento da doença do outro, o que, em “Opening minds through art students’: Constructions of people with dementia”, Oliver H. Hautz (2015) chama de “mudança ontológica”, que ocorre quando as pessoas experimentam algo que as força a se perceber de maneira diferente. Por exemplo, em *O lugar escuro* (2007), a doença da mãe parece suscitar uma pergunta aterrorizante não dita nos pensamentos da filha: “me tornarei um dia doente de Alzheimer, louca como a minha mãe?”. Por sua vez, a narradora de *Desarticulaciones* (2010) se figura como alguém com uma memória profusa, sendo inversamente proporcional ao esquecimento de M.L.

A perda pressupõe rearranjos, transformações, mas também ruína, uma lacuna deflagradora da escrita. Os escritores buscam reconstruir a memória e a linguagem que os seus seres amados perdem, escrevendo o impacto dessa perda nos seus convívios com os enfermos. Talvez alguém com a doença de Alzheimer seja tão atemorizante por causa da dificuldade que existe de nos comunicarmos de outras maneiras para além das palavras. Tal desafio é maior quando se trata de escrever sobre isso, mesmo quando a dificuldade não esteja tão visível em todos os textos que compõem o *corpus*. Por isso, os escritores podem ser comparados aos narradores que, em *Lembrar, escrever, esquecer*, Jeanne Marie Gagnebin (2014) identifica em um esboço de uma reflexão de Walter Benjamin sobre a narração nas ruínas da narrativa. Diante das marcas de uma ausência do passado, o narrador se coloca em uma posição mais humilde, comparável ao catador de sucata e de lixo:

O narrador [...] seria a figura do trapeiro [...] do catador de sucatas e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza [...], mas também pelo desejo de não deixar nada se perder (GAGNEBIN, 2014, p. 53).

No lugar de mostrar a presença da memória que se conserva, os narradores e poetas dos textos que selecionei mostram a ausência, centram-se no que falta e evidenciam o esquecimento, não somente para selecionar lembranças, mas especialmente para exibir o vazio da memória. Portanto, esses escritores assumem uma escrita que mostra as suas dificuldades profundas, dificuldades inextricavelmente ligadas à escritura dos distúrbios da memória e da linguagem

que definem a condição do doente de Alzheimer. Não parece somente se tratar mais de usar a memória contra o esquecimento, mas principalmente de *incorporá-lo* à escrita, o que observamos, por exemplo, no caráter fragmentário dos textos que compõem o *corpus*. Portanto, os que escrevem levam ao extremo a seguinte reflexão de Sergio Chejfec em “*Lengua simple, nombre*”: “*escribir no es recordar; sino al contrario, delimitar lo que es imposible de recuperar*”.

Escrever sobre uma forma de degeneração, de transtorno nos corpos de personagens, nas suas vidas e nas de quem elas se relacionam, talvez leve ao reconhecimento de uma rede de vulnerabilidades e de co-responsabilidades. Em vista disso, gostaria de discutir como em alguns textos literários, a escrita da sucessiva corrosão da memória e a perda gradativa e irreversível da linguagem podem revelar as possibilidades da literatura contemporânea em imaginar sujeitos mutáveis e em relação – e não estáveis ou autônomos.

Escrever o processo do esquecimento marca uma escritura que incorpora a ruína, o fragmento, a instabilidade, o mutável, o relacional, o não totalizante. Em vista disso, minha pesquisa pretende contribuir para as reflexões sobre as formas de escritura de uma enfermidade, tão elaborada atualmente na literatura contemporânea e latino-americana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- AZEVEDO, Carlito. *Monodrama*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- BLANCHOT, Maurice. *La amistad*. In: *La amistad*. Madrid: Trotta, 1976.
- BOUZAGLO, Nathalie; GUERRERO, Javier (comp.). *Excesos del cuerpo: Ficciones de contagio y enfermedad en América Latina*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2009.
- CHEJFEC, Sergio. *Lengua simple, nombre*. Disponível em: <<https://www.asymptotejournal.com/nonfiction/sergio-chejfec-simple-language-name/spanish/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.
- COLLAZOS, Oscar. *En la laguna más profunda*. Bogotá: Norma, 2011.
- ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrotu, 2012.
- FERIANI, Daniela. *Entre sopros e assombros. Estética e experiência na doença de Alzheimer*. 316 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/324984>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: 34, 2014.
- HAUTZ, Oliver. *Opening minds through art: students' constructions of people with dementia*. In: SWINNEN, Aagje & SCHWEDA, Mark (eds.). *Popularizing Dementia: Public Expressions*

and Representations of Forgetfulness. *Aging Studies*, vol.6. Bielefeld (Alemanha): Transcript Verlag, 2015. E-book.

KAMENZSAIN, Tamara. *El eco de mi madre*. Buenos Aires: Bajoluna, 2010.

KRÜGER-FÜRHOFF, Irmela. Narrating the limits of narration: Alzheimer's disease in contemporary literary texts. In: SWINNEN, Aagje & SCHWEDA, Mark (eds.). *Popularizing Dementia: Public Expressions and Representations of Forgetfulness*. *Aging Studies*, vol.6. Bielefeld (Alemanha): Transcript Verlag, 2015. E-book.

LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOLLOY, Sylvia. *Desarticulaciones*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

SEIXAS, Heloisa. *O lugar escuro: uma história de senilidade e loucura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora/ AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.